

INSTITUTO
Documentação
FONTE JB
Data 28/4/96 Pg 127
Class. KZR00001

Niterói — José Roberto Serra



Sapaim tenta curar mal dos 'caraíbas'

Dez anos depois de ganhar notoriedade ao tentar salvar o cientista Augusto Ruschi em pajelança no Rio, o pajé kamayurá Sapaim usa a medicina indígena para tentar curar artistas e profissionais liberais estressados. E cobra R\$ 80 por consulta. (Página 7)

Pajelança para curar estresse

Sapaim, que tratou do ornitólogo Ruschi, atende brancos por R\$ 80

ANABELA PAIVA

Dez anos depois de ganhar notoriedade internacional com a pajelança para limpar do corpo do ornitólogo Augusto Ruschi o veneno de um sapo (*leia abaixo*), o pajé Sapaim volta a usar a medicina índia para curar os males dos brancos. Num sítio em Pendotiba, Niterói, há uma semana ele atende a pelo menos 10 *caraiabas* por dia. Médicos, psicoterapeutas, artistas, astrólogos e desenhistas, na maioria, eles vão ao Sítio Jardim Secreto por curiosidade de conhecer as artes do pajé kamayurá, queixando-se de estresse ou "energia baixa". Sapaim não os desaponta. Com seu charuto de folhas, palavras mágicas e sementes, tira da cabeça dos pacientes as substâncias escuras que lhes perturbam a mente. Todos saem felizes, falam em leveza e pagam contentes os R\$ 80 pela consulta. Ao fim do dia, Sapaim está esgotado. Na sua aldeia, também não lhe dão sossego: estão sempre chamando-o pelo rádio para que venha atender a outras aldeias. Sapaim sonha com férias: "Pajé não tem tempo pra ficar na aldeia. Pajé não tem tempo pra caçar. Pajé não tem tempo pra pescar. Pajé não pode cuidar dos filhos. Pajé quer ficar sem pajé".

Mas uma vez pajé, sempre pajé. Ainda mais com a sua iniciação profissional. Ele conta que um dia, no meio da mata, sentiu soprar o *mamaé*, o vento de espíritos. "Eu não aprendo por outro pajé. Eu aprendo com *mamaé* que tem espírito. *Mamaé* me disse que vai fazer mim pajé. Eu fico um mês na rede, sentindo dor, sem comer, sem falar. Família chorava todo dia. Eles *pen*sa que eu vou morrer. Não *sabe* que vou virar pajé. E espírito está ao meu lado explicando", conta no seu português errado, mas fluente. Depois de um mês, continua Sapaim, o espírito concluiu sua obra. Tirou de si uma substância, conta Sapaim, e "pôs numa mão, na outra, na boca, no nariz, no corpo todo. Deu a força dele pra mim". Sapaim reuniu os pajés da aldeia, fumou o forte cigarro de folhas e mostrou o método que o espírito lhe ensinara, diferente das ervas dos outros.

É o mesmo ritual que ele usou para Ruschi e que aplica, até a próxima semana, no sítio transformado em centro espiritual por 14 amigos que costumavam se reunir para meditações na lua cheia. O dentista André Gonçalves, 29 anos, começa a conversa dizendo que se sente "cansado e sem energia". Sapaim manda que se deite. Primeiro apanha um punhado de sementes e as esfrega entre as mãos. Acende o charuto de folhas e sopra a fumaça nas mãos fechadas, que depois passa sobre o corpo do rapaz, sem tocá-lo.

"Mesmo a distância, senti que a energia dele ia subindo. Quando passou pela barriga, senti meu estômago se mexendo", conta André. Sapaim toma a cabeça do rapaz entre as mãos e a pressiona. Seu rosto se contorce com o esforço, ele geme e fala palavras na língua Kamayurá. Retira as mãos e ainda as mantém fechadas, parece estar espremendo algo. Então mostra, na palma, uma massa preta. Acende o charuto, aspira a fumaça e a sopra na massa, mãos em concha. A massa desaparece. Sapaim ri como garoto e repete a operação. Desta vez, aparecem duas formas que lembram cascas de lagarta. "É isso que você tinha na cabeça, André", mostra Sapaim. "Minhoca?", pergunta o rapaz.

A atriz e cantora Bia Bedran, 40 anos, é a próxima. "Trabalho com crianças e tenho um desgaste muito grande. Estou aqui para me energizar", explica. De Bia, Sapaim remove dois tipos de massa: branca e escura. "Estou acostumada com massagens, mas o toque dele é muito forte. Estou sentindo uma leveza muito grande", explica, satisfeita, planejando trazer uma tia que sofre do mal de Alzheimer. Outros pacientes, graves, também foram tentar a sorte com a cura índia: um médico com câncer, que não quis dizer o nome, e Beth, uma secretária com problemas crônicos de hipoglicemia. "Ele tem uma força muito pura. Senti que estava mexendo nos meus pontos de energia. Estou me sentindo muito bem", garantiu a moça. As consultas podem durar 20 minutos ou uma hora e às vezes o pajé manda o paciente tirar a roupa. "A pessoa fica meio espantada, e ele explica: 'Pajé acostumado'. Nada mais comum para um índio do que ficar nu", explica a *designer* Anita Santoro, 35 anos, uma das organizadoras da clínica do Jardim Secreto.

Tanto que o pajé só trouxe para a viagem duas mudas de roupa. "Outro dia me ligou para casa, pedindo casaco: 'Pajé com frio'", conta Anita. Sapaim, sua mulher Iavitá e outros 10 kamayurás vieram de ônibus, há duas semanas, para participar da pajelança que marcou a recuperação do Museu do Índio, em Botafogo. "Ele é um pajé renomado no Xingu. Tem grande influência religiosa e política", diz o antropólogo José Carlos Levinho, diretor do museu. Sapaim e os amigos se hospedaram no Hotel Real, em Botafogo, e foram levados para conhecer o Pão de Açúcar, o Corcovado e até o tradicional baile de tango das quintas-feiras, no Clube Gurilândia, ao qual o pajé assistiu sentado, tomando cerveja. "Ele é uma pessoa discreta, circunspecta", diz Levinho.



O kamayurá Sapaim atende a 10 *caraiabas* por dia e, em Brasília, a consulta chega a R\$ 200



Sapaim põe entre as mãos o rosto da atriz e cantora Bia Bedran, mostra-lhe a massa retirada de sua cabeça, aspira a fumaça e, mãos em concha, sopra-a na substância, que desaparece



Sapaim (de pé) exhibe o veneno retirado de Ruschi (deitado) ajudado pelo cacique Raoni

O cientista e o veneno do sapo

Publicada pelo JORNAL DO BRASIL, a notícia de que Augusto Ruschi, o maior especialista do mundo em beija-flores, havia sido condenado pela natureza, que passara a vida defendendo, comoveu o país em 1985. Ruschi dizia haver sido contaminado, 10 anos antes, pelo veneno de um sapo do

tipo dendrobata, que atacara seu fígado e causava febre, hemorragias nasais e fortes dores. O poeta Afonso Romano de Sant'Anna escreveu um artigo em que exortava o presidente José Sarney a procurar todos os meios para curar o cientista, inclusive entre os índios. O cacique Raoni se propôs a ajudar e chamou o pajé Sapaim para fazer a cura. Ruschi concordou, entusiasmado, e no dia 23 de janeiro de 1986, Raoni, Sapaim e Ruschi se reuniram na sede do Parque da Cidade, no Rio, para o ritual que atraiu a imprensa mun-

dial e foi testemunhado apenas pelo repórter Rogério Medeiros, do JB. Sapaim retirou o veneno, na forma de uma massa verde e depois branca, do corpo do cientista. Depois, deu-lhe um banho medicinal. Raoni, conta Sapaim, funcionou como assistente. Depois do ritual, Ruschi disse estar curado e voltou a trabalhar, mas meses depois piorou. Médicos asseguraram que o envenenamento não passara de fantasia — o cientista sofreria de cirrose virótica. Ruschi realmente morreu de cirrose, em 3 de junho de 1986.

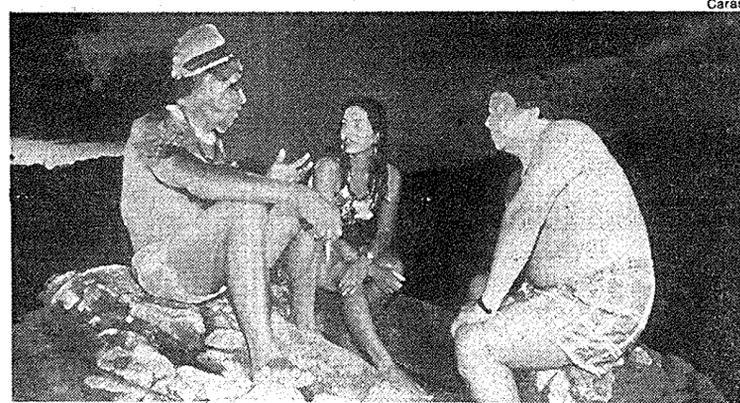
Um diagnóstico: "O povo de Brasília precisa muito de pajé"

Já faz tempo que Sapaim é um pajé pop. Em 1979, depois de passar três semanas no Xingu envolvido na realização de um filme, o músico Egberto Gismonti dedicou o seu premiadíssimo disco *Sol do meio-dia* ao pajé. "Na época, Sapaim só falava duas palavras fundamentais em português: 'cabô' e 'vamo'. E bastava", lembra Gismonti. Sem palavras, a amizade prosperou através da música — Sapaim mostrou como tocar a flauta jacuí, que acredita expressar a voz dos espíritos. "Ele me deu a sensação de absoluta essência. A mim, ele curou, na medida em que fez despertar uma sensibilidade. Ele infla a alma e, quando a alma infla, você voa", diz o músico.

Popularizado nacionalmente pela pajelança de Ruschi, o pajé kamayurá até participou da cúpula ecológica Rio-92. Nesses eventos, às vezes a franqueza do índio prevalece sobre a discrição do líder: no dia 15, invadiu o debate entre o cantor Gilberto Gil e o presidente da Funai, Julio Gaiger, no Museu do Índio. "Vamos acabar logo com isso. Está na hora da pajelança", mandou. O atestado definitivo de celebridade foi dado pela revista *Caras*, que em dezembro trouxe o índio para visitar sua ilha em Angra dos

Reis, onde estavam a atriz francesa Catherine Deneuve e a então secretária de Turismo de Alagoas, Teresa Collor. "Convidei a loira para ir pro Xingu. Ela falou que ia", lembra Sapaim. Na volta, Sapaim dividiu o helicóptero com a *socialite* Carmem Mayrink Veiga. "Nós somos fã da senhora. A senhora tem muita força", disse o pajé, apoiado pelo cacique Marcos Terena.

Sapaim diz saber ver quem é quem. "Pajé vê ladrão, vê quem tem energia ruim", conta. Segundo ele, é capaz de ir recuperar um espírito perdido e viajar fora do seu corpo: "Energia do pajé viaja todos os lugares", garante. Por isso mesmo, é respeitadíssimo na aldeia: "Pessoa não entra falar com pajé direto. Tem de falar com outro pajé e esperar", explica, orgulhoso. O respeito se traduz no pagamento: "Cocar, colar, tem muito valor para nós. Pajé recebe mais que todos os pajés". Ele também sabe cobrar dos brancos para sustentar os filhos que estudam em Brasília. Quando vai à capital ver os meninos, Sapaim sempre é procurado para consultas, e salga no preço: "O povo de Brasília paga pajé R\$ 200. Lá o povo precisa muito de pajé", diz, com sorriso matreiro.



Sapaim (E), amigo de artistas e até de personalidades do mundo político, conversa com Teresa Collor, então secretária de Turismo de Alagoas, sob o sol de Angra dos Reis.